



LAÇOS ECLESIAÍSTICOS, POLÍTICOS E FAMILIARES NA *VITA CESARII*¹

Paulo Duarte Silva²

Resumo: Conhecido pregador popular do século VI, Cesário também foi influente membro do ambiente eclesiástico do sudeste da Gália, governando um bispado junto à densa rede política e eclesiástica. Neste artigo discutimos algumas de suas conexões familiares – prévias e associadas à rápida ascensão no episcopado de Arles –, bem como suas ligações com a comunidade monástica de Lérins, os governantes germânicos que ocuparam a cidade, e ainda com outros bispos do sudeste gálico e com o clero e laicato que lhe era sujeito.

Deste modo, nosso principal objetivo é analisar como algumas das relações apresentadas na *Vita Cesarii* objetivavam reforçar sua posição neste cenário político e eclesiástico e, por consequência, do seu grupo de aliados, em meio às mudanças políticas e eclesiásticas em andamento.

Palavras-chave: Cesário de Arles, Hagiografia, Episcopado

Abstract: Known as a popular VI century preacher, Caesarius was also an influent member of southeastern Gaul's ecclesiastical environment, ruling as a bishop close to its dense political and ecclesiastical network. In this article, we discuss some of his familial connections – both previous ones and those associated with the fast ascension to the episcopate of Arles – as well as his ties to the monastic community of Lérins, the germanic rulers that occupied it, other bishops, the clergy, and the laymen who were his subjects.

Our main objective is to analyze how some of the relationships presented in *Vita Cesarii* were aimed at reinforcing Caesarius' place both in the political and ecclesiastic

¹ Este capítulo é baseado no *paper* apresentado no *International Medieval Congress*, sediado pela Universidade de Leeds em 2013.

² Professor Adjunto A da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

sphere and, consequently, that of his allies amidst the ongoing political and ecclesiastical changes.

Keywords: Caesarius of Arles, Hagiography, Episcopate

1. Introdução

Embora a resposta dos bolandistas e da publicação da *Acta Sanctorum* – e, neste caso, sobretudo a edição crítica de Delehaye na primeira metade do século passado – deva ser considerada, textos hagiográficos continuam a ser comumente depreciados por pesquisadores contemporâneos: a saber, ainda são frequentemente tidos como dispensáveis tanto pela crítica reformista quanto pela Iluminista, dado seu conteúdo apologético e sua profusão de milagres, ambos tomados como problemáticos ao ceticismo científico.³

Nas últimas décadas, seguindo a tendência a valorizar explicações sociológicas ou antropológicas aos estudos históricos sobre a Igreja (VAN ENGEN, 1986: 534-5; MITRE FERNÁNDEZ, 2004: 18-9),⁴ pesquisadores como Andrés Vauchez (1995; 1981) e Sophia Boesch Gajano (1976; 1999), dentre tantos outros, estudaram hagiografias para explorar temas como piedade popular ou processos de canonização.

No que se refere à Antiguidade Tardia, os trabalhos de Peter Brown (1971: 80-101; 1981; 1982; 2000: 1-24) são particularmente notáveis ao apontar a condição especial dos homens santos entre as comunidades cristãs, geralmente mediando – ou em conflito com – outros poderes cívicos, como bispos, imperadores ou mesmo governantes germânicos.

Desde então, seguindo a tendência a situar localmente o escopo dos estudos históricos (VAN ENGEN, 1986: 532-4), outros pesquisadores tomaram as vidas de santo como uma das documentações para o estudo dos vínculos familiares e políticos estabelecidos pela aristocracia cristã ocidental – tais como as de Ambrósio, Germano ou Martinho de Tours (RAPP, 2005: 10-1). Nestes casos, as tensões políticas apresentadas

³ O tom anedótico das hagiografias poderia ser facilmente contrastado ao tom factual comumente atribuído às ‘histórias’ tardoantigas, bem como às decisões judiciais e conciliares.

⁴ Essa tendência também é seguida pelo maior alcance dos *corpora* associados à literatura hagiográfica (SAUER, 2010: 1798-1807).

em tais *vitae* eram premidas por dois elementos: o assentamento dos grupos germânicos e a crescente disputa aristocrática pelo controle dos quadros da Igreja.⁵

Neste capítulo, visando compreender as conexões políticas, eclesiásticas e familiares de Cesário tal como apresentadas na *Vita Cesarii* (VC) é crucial considerar os trabalhos de Gustave Bardy (1947: 241-56) e, sobretudo, de William Klingshirn. A tradução por Klingshirn de algumas obras de Cesário e de textos que lhe são associados, dentre as quais se inclui a VC, bem como seu livro *Caesarius of Arles: the making of a Christian community in late antique Gaul* (ambos publicados em 1994) se tornaram rapidamente referências essenciais após uma lacuna de muitas décadas sem estudos detalhados sobre seu bispado. No caso de Klingshirn, particularmente atento aos limites de seu audacioso programa pastoral.⁶

Sem desconsiderar o propósito edificante exposto na vida de Cesário (VC. I.2; II.1), focamo-nos especialmente nas lideranças eclesiásticas, cívicas ou germânicas com as quais Cesário teve de lidar no seu episcopado. Com isso, consideramos que, além de outros propósitos, Cipriano de Toulon (517-545) e os demais clérigos responsáveis pela redação da VC⁷ buscavam fortalecer sua associação com Cesário e, por extensão, defender a posição de sua *facção* em meio ao cenário político e eclesiástico do sul da Gália. Por isso, tomamos a VC como documentação privilegiada para examinar o escopo de possibilidades de atuação episcopal no Ocidente, sujeita a limitações e – ao menos no caso de Cesário – a surpreendentes reviravoltas.⁸

Além da supracitada documentação associada ao bispado de Cesário, utilizamos ainda duas hagiografias de bispos arlesianos precedentes: o *sermo de Vita Honorati* (VHo) e a *Vita Hilarii* (VHi). O relato sobre Honorato foi composto por Hilário após

⁵ Segundo Norton (2007: 160-1), sujeito a sucessivos soberanos germânicos e pressionado por dioceses rivais, o bispado de Cesário pode ser tomado como bom testemunho das dificuldades no estabelecimento das fronteiras eclesiásticas do período.

⁶ Portanto usamos em especial a versão inglesa de Klingshirn da VC (1994: 9-65), e a versão francesa de Lavant e Giraud (1997: 73-155). Lamentavelmente não pudemos usar a edição recente de Delage e Heijmans à *Sources Chrétiennes* (2010). Por vezes utilizamos algumas das epístolas de Cesário (*ep.*) expostas na mesma versão inglesa de Klingshirn (1994: 77-139).

⁷ Firmínio, bispo de Uzés (534-552), e Vivêncio (sede desconhecida), responsáveis diretos pela confecção do primeiro livro da VC. Messiano e Estevão, clérigos menores arlesianos, foram responsáveis pela redação do segundo livro (KLINGSHIRN, 1994: 1).

⁸ Lembramos que, ao contrário de muitas outras vidas, a VC tem como peculiaridade o fato de muitos de seus episódios poderem ser confirmados por outros relatos contemporâneos, como os sermões e epístolas de Cesário e as atas dos concílios por ele presididos – o que pode ser relacionado ao fato de que a VC foi composta apenas cerca de sete anos após sua morte (KLINGSHIRN, 2004: p. 5-7; GIRAUD, 1997: 19-20).

este tê-lo sucedido na sede de Arles (430-449); o último foi composto por um dos discípulos de Hilário, que alguns acreditam ser Honorato de Marselha (GIRAUD, 1997: 11). Tais documentos serviram de referência à produção do relato hagiográfico de Cesário e, por isso, nos permitem considerar certas confluências na condução dos assuntos da sede de Arles do século V ao VI.

Assim, focamos nossa atenção em dois aspectos: a) o *milieu* eclesiástico no qual Cesário foi instruído e onde conduziu seu bispado; b) sua relação para além do ambiente eclesiástico, em particular com as aristocracias provinciais e com os soberanos germânicos.

2. Cesário, monge-bispo

De início, a trajetória de Cesário esteve relacionada às fileiras eclesiásticas. Lembramos que quatro das primeiras figuras de destaque mencionadas na VC eram clérigos. Tal como os bispos precedentes – e aparentados – Honorato (VHo.4) e Hilário (VHi.3), Cesário pertencia a uma família aristocrática da Gália central: a saber, de Chalôns-sur-Saône, onde viveu sob domínio burgúndio. Provavelmente por volta dos dezessete anos foi ordenado por Silvestre (485-527).⁹ Ao contrário de Hilário, provavelmente afeito aos conhecimentos e assuntos mundanos e que fora convertido sobretudo pelo esforço de seu tio Honorato (VHo.6-7; VHi.3-5), Cesário esteve próximo ao meio eclesiástico desde o início.¹⁰

Pouco após sua admissão ao clero local, Cesário partiu em direção ao sul da Gália, precisamente ao mosteiro de Lérins (ca. 488/489-499), refazendo o itinerário percorrido previamente por notáveis aristocratas gálicos que, diante da crescente competição pelos ofícios eclesiásticos e das turbulências políticas e militares de meados do século V, criaram a *facção lerinense* (MATHISEN, 1989; HENZELMANN, 1992: 239-51).

Ladeado pelo mosteiro rival de São Vitor de Marselha (MATHISEN, 1989: 119-40), o mosteiro de Lérins manteve grande prestígio intelectual e ascético entre os nobres que, após um período de retiro na ilha de Lérins, visaram ocupar muitas das mais

⁹ Que participou de concílios do período, como os de Epaone (517) e Lyon (523).

¹⁰ O episódio do sonho de Cesário sob orientação de Pomério já em Arles foi decisivo em sua suposta rejeição aos conhecimentos mundanos, como vemos a seguir.

importantes sedes do sul gálico.¹¹ Além da presumível influência exercida pelo ambiente lerinense nas práticas ascéticas por Cesário já como bispo de Arles (VC. I. 11; cf. VHi, 11), é possível que durante sua estadia no mosteiro Cesário tenha tido acesso aos sermões da coleção do Eusébio Gaulês, redigida em tal mosteiro.¹²

Sob a liderança do abade Porcário (VC. I. 5,7) Cesário viria a perpetuar a figura do *monge-bispo* analisada por Robert Markus (1997: 198-210): tendo como predecessores notórios líderes da *facção lerinense* – Germano de Auxerre, Fausto de Riez, Lupo de Troyes e, sobretudo, Honorato e Hilário de Arles – Cesário manteve não somente certas práticas ascéticas bem como serviços litúrgicos diários derivados de Lérins, de acordo com seus hagiógrafos (VC. I. 11; cf. VHi.11).¹³

Bailey (2010: 1-28), Délage (1994: 27-30) e, sobretudo, Pinheiro (2014: 30-1) consideram que a intensa atividade predical de Cesário como bispo seria associada à influência preponderante de Lérins em sua formação intelectual e ascética que, como sugerido, pode ter incluído o contato com a coleção do Eusébio Gaulês.¹⁴ Para as autoras, o controverso interesse de Cesário em estender a pregação aos clérigos menores e párocos rurais – observado especialmente nas atas do concílio de Vaison (529) – derivaria das práticas observadas em Lérins, testemunhadas por tal coleção de sermões.

A etapa seguinte na carreira de Cesário foi Arles (ca. 499), para onde supostamente se dirigira para receber tratamento médico, após endurecer suas práticas ascéticas em Lérins (VC. I. 7). Amparado por dois ilustres cidadãos, Firmínio e Gregória (VC. I. 8), em pouco tempo Cesário entrou em contato tanto com representantes da aristocracia local (KLINGSHIRN, 204: 72-3) quanto com duas figuras que serão importantes em sua biografia: Pomério, retórico africano ordenado na cidade (VC. I. 9) e, em especial, Eônio. Introduzido a Cesário pelos supracitados nobres locais, Eônio era então o bispo da cidade (ca. 485-501/2) e, de acordo com a VC, veio a descobrir ser aparentado de Cesário (VC. I. 10-4). Portanto, Cesário continuaria a refazer o percurso feito

¹¹ O mosteiro de Lérins é também conhecido por ter sido o epicentro da dita controvérsia semi-pelagianista, que opôs clérigos do sul gálico a outros tantos ocidentais – notadamente da sede romana – por conta de assuntos doutrinários e disciplinares (LEYSER, 1999: 188-206).

¹² Alguns autores acreditam que Cesário pode ser mesmo o responsável pela compilação da referida coleção (BAILEY, 2006: 316-8).

¹³ A duradoura influência de Lérins junto ao meio eclesiástico arlesiano pode ser inferida até o fim do século VI, quando se sabe que o bispo Virgílio de Arles teria seguido os passos prévios de Honorato, Hilário e Cesário na ilha-mosteiro (GIRAUD, 1997: 24).

¹⁴ Bardy (1947: 243), ao contrário, tende a diminuir a importância de Lérins na formação de Cesário.

anteriormente por bispos arlesianos precedentes, como Honorato e Hilário (VHo.25; VHi. 9-10).

Seu outro conhecido, Pomério foi responsável por ensinar lições de retórica que, embora desprezadas como ‘conhecimento mundano’ em um episódio relativo à descrição de um sonho (VC. I. 9), também incrementariam a pregação de Cesário. De acordo com Klingshirn (2004: 75-82), a obra de Pomério *De Vita Contemplativa* foi uma das principais bases do audacioso projeto pastoral de Cesário.

Quanto a Eônio, então supracitado bispo arlesiano, foi precisamente ele que, após Cesário passar algum tempo como clérigo local – incluindo a administração de um mosteiro nos subúrbios –, o apontou como seu sucessor no bispado da cidade (VC. I. 9-13). Como alguns autores assinalaram, ao violar o princípio de que as eleições episcopais deveriam ser realizadas após a morte do bispo e que deveriam incluir leigos e clérigos menores, assim como outros bispos da mesma sede (KLINGSHIRN, 2004: 84-7; RAPP, 2005: 195-203), Eônio tenha gerado um risco de ressentimento local contra a eleição de Cesário e a ascensão de uma nova dinastia episcopal no sudeste da Gália.¹⁵

Como Klingshirn (2004: 93-104) argumentou, embora tenha ascendido à sede de Arles (502), dos primeiros dias de seu bispado em diante ele teve de lidar com oposição local, particularmente na primeira década, quando a cidade passou ao controle dos visigodos e Cesário fora duas vezes acusados de tentar trair os mestres godos junto às forças burgúndias e francas.¹⁶

2.1. A facção de Cesário e sua oposição

A maioria das personagens apresentadas na VC eram do clero, incluindo os redatores da *Vita*: o supracitado bispo Cipriano de Toulon (VC. I. 52),¹⁷ Messiano (VC I. 40, 63; II. 8, 31) e Estevão (VC. I. 63; II. 6, 18, 35), respectivamente notário e diácono arlesianos.¹⁸

¹⁵ O que ocorrera com frequência no século anterior, particularmente com a *facção lerinense*, e a despeito de Cesário poder ter se beneficiado de poderoso apoio aristocrático local, como vemos adiante (MATHISEN, 1989: 7).

¹⁶ Enquanto isso, ele conseguiu escapar de ambas, e veio a presidir o controverso concílio de Agde (506) – e talvez tenha mesmo ajudado na compilação do *Braeviarium Alarici*.

¹⁷ A quem Klingshirn atribui a redação de VC. I. 1-58. Os outros redatores do primeiro livro seriam Firmínio de Uzés (534-552) e Vivêncio, de sede desconhecida, que Klingshirn afirma terem escrito VC. I. 59-63 (KLINGSHIRN, 1994: 1-8).

¹⁸ Ambos responsáveis pela redação da maior parte do segundo livro da VC (KLINGSHIRN, 1994: 1-8).

Estes podem ser tidos como a base do que indicamos como uma facção eclesiástica que manteve Cesário como seu núcleo, e incluía outros bispos não mencionados na VC¹⁹ e ainda poderosos nobres do sudeste gálico e além, como vemos a seguir. A VC apresentava Cesário como seu líder incontestado, e se pode afirmar que Cipriano era provavelmente seu maior aliado, uma vez que este fora enviado como seu porta-voz no concílio de Valence (528) (VC. I. 60), cujas atas não foram preservadas (KLINGSHIRN, 1994: 40) e que fora convocado pela facção episcopal rival na região.

Liderada pelo bispado de Vienne, tal facção encontrava-se em atividade ao menos a década anterior.²⁰ Certamente se beneficiara da presença fragmentária germânica no sudeste gálico que dividia os limites da sede de Arles entre grupos rivais como ostrogodos e burgúndios. Esta situação mudou em 524, quando os ostrogodos avançaram e conquistaram a área burgúndia restante, enfraquecendo a posição deste grupo em favor do grupo de Cesário.

De acordo com a VC (I. 34-43), quando em Roma, para se defender – uma vez mais – de presumíveis acusações diante de Teodorico e sua corte em Ravena (508), Cesário conseguiu obter seus favores²¹ e, em especial, aproximar Arles da sede de Roma.

Em uma manobra que nos remete aos laços estreitos estabelecidos – ainda que efemeramente – por Pátroclo de Arles e Zózimo de Roma nos primórdios do século V (MATHISEN, 1989: 36, 49; GUYON, 1994: 83, 90-1; MARCOS, 2013: 145-66), e quebrando a tensa relação entre tais sedes nos tempos de Honorato e, sobretudo, Hilário e muitos bispos de Roma – e, dentre eles, Leão –, Cesário se beneficiou não apenas de vínculos aristocráticos²² como também dos favores de Teodorico para fortalecer sua relação com sucessivos bispos de Roma.²³

¹⁹ Como Customélio de Riez, Máximo de Aix, Galicano de Embrun, Constâncio de Gap, Heráclio de Trois-Châteaux e Vindimário de Orange. Estes bispos estiveram presentes e foram signatários de todos os sínodos convocados por Cesário entre 524 e 529, quando se considera que o poder do bispo atingiu seu ponto máximo, sob domínio ostrogodo. Se pode incluir ainda Euquério (VC. I. 47), bispo de sede desconhecida, que esteve presente em pelo menos quatro dos concílios então presididos por Cesário (SILVA, 2009: 71-82). O mencionado Customélio esteve mais tarde no cerne do concílio de Marselha (533), que é tido como momento de declínio de Cesário e sua facção.

²⁰ Uma vez que se reunira em Epaone (517), concílio que incluía sete bispos sob os cuidados *de jure* de Cesário.

²¹ Que incluiu apoio material e financeiro para a população de Arles após o fracassado cerco da cidade pelos francos e burgúndios, bem como para o resgate de alguns cativos de guerra (KLINGSHIRN, 2004: 113-4).

²² Dentre os funcionários ilustres da administração secular ítalo-galicana, destacam-se, além do mencionado Firmínio (VC. I. 8-9), Partênio (VC. I. 49) e o prefeito pretoriano Félix Libério (VC, II. 10-3). Possivelmente Enódio de Pavia também teve participação neste processo de aproximação (*ep.* 1),

Como resultado, Cesário se beneficiou de alguns privilégios que lhe foram sistematicamente garantidos, tais como a honraria para o uso do *pallium* e o *status* ‘vicarial’ estendido a ‘todas as Gálias’ (*ep.* 7b. 11; 8b. 1,3).²⁴ Além destes privilégios, os aliados de Cesário em Roma garantiram a prevalência dos direitos diocesanos de Arles por quase todas as províncias do sul da Gália (*ep.* 6. 2; 8b. 1,2) e reafirmaram a exigência da carta de recomendação de Arles aos bispos gálicos que desejassem se reportar à Roma (*ep.* 8b. 1,3). Todos estes direitos reforçaram o poder simbólico de Cesário (BOURDIEU, 2005: 7-16) contra a dissensão episcopal na região, especialmente contra os reclames da sede de Vienne e sua facção. Portanto, apelar ao poder de Roma²⁵ era reforçar seu próprio contra dissidência local e contra outras facções episcopais (NORTON, 2007: 158-9).

Se deve lembrar que os benefícios oriundos desta relação eram mútuos, já que a sede romana ganhava importante aliado na região: dentre outros assuntos, os concílios de Orange e Vaison (ambos presididos por Cesário em 529) puseram fim à propalada controvérsia *semi-pelagiana* e impuseram a menção honorífica ao *papa* ao fim de cada missa. Portanto, o poder romano era igualmente reforçado.²⁶

3. Leigos e reis germânicos

A VC apresenta alguns influentes nobres em estreita associação com Cesário, como Firmínio e Libério, e Klingshirn afirma que foi por intermédio do primeiro e de sua esposa que Cesário se aproximou deste grupo. Junto com outros aristocratas citados nos *corpora* de Cesário, se pode admitir que eles reforçaram a posição de Cesário não somente na sua sede e no sul da Gália, mas ainda em Roma.

A VC menciona quatro reis germânicos com os quais Cesário supostamente travou contato durante seu bispado. Os menos impactantes deles parecem ser o rei burgúndio Gundobado e seu filho Sigismundo que, assim como seu inimigo Teodorico, enviaram

assim como o diácono Helpídio (VC, I. 41), médico da corte de Teodorico. Alguns milagres feitos pelas relíquias de Cesário incluíram parentes dos ilustres Salvio (VC. II. 40) e Marciano (VC. II. 41) (NORTON, 2007: 148-50).

²³ Símaco (498-514), Hormisdas (514-523), João I (523-526), Félix IV (526-530) e Bonifácio II (530-532).

²⁴ Assim como o uso de *túnicas dalmáticas* brancas pelo clero arlesiano.

²⁵ Além de Símaco (VC. I. 42), os hagiógrafos também mencionaram outro bispo romano, Bonifácio (VC. I. 60), no contexto controverso dos concílios de Valence (528) e Orange (529).

²⁶ Markus (1992: 154-72), Février (1994: 60-3) e Klingshirn (2004: 75-82, 201-26) afirmam que mesmo quando amparo pelo apoio ostrogodo e romano, o poder de Cesário era de algum modo restrito, sobretudo quando se referia à aceitação geral de suas medidas pastorais.

grãos à Arles para mitigar o sofrimento imposto pelo cerco à cidade (VC. II. 8-9), possivelmente retribuindo o favor de Cesário em resgatar soldados burgúndios após suas derrotas (KLINGSHIRN, 2004: 115). Muito mais importante foi o apoio dado pelo ostrogodo Teodorico: apesar de ariano, ele não somente garantiu recursos materiais ao bispo mas permitiu-lhe tomar proveito da estreita associação com a sede romana, como dito.

Quanto ao rei visigodo Alarico, é notório que tenha sustentado uma relação tensa e volátil com Cesário nos primeiros anos de seu episcopado, o que pode explicar que a VC sutilmente o tenha relacionado ao arianismo (VC. I. 20-24; II. 45) – claramente, o mesmo não ocorrera para Teodorico, louvado pelos hagiógrafos. Apesar de o clima de tensão ter culminado em duas acusações oficiais, Alarico parece ter concluído que não poderia dispensar o apoio de Cesário, dada a importância da sede episcopal sob seu governo, as filiações aristocráticas dos quais dispunha e, quiçá, mesmo do mosteiro no qual se instruíra.

O caso do franco Childeberto era bem diferente. Ele foi o último dos sucessivos monarcas a controlar Arles durante a vida de Cesário e, à época da redação da VC, ainda era o soberano. –, O louvor a Childeberto por ser católico (VC. II. 45) coincidia com o momento de declínio da carreira de Cesário (530-542). Qual seja, quando Arles perdeu muitos de seus favores eclesiásticos junto à Roma, à medida que a sede itálica era tragada pelas rivalidades bizantina e ostrogoda – e quando sua cidade perdeu influência política, uma vez que foi anexada ao reino franco, cujo centro de gravidade pendia ao norte da Gália.

4. O mosteiro feminino

Uma das principais bases do programa pastoral de Cesário – não necessariamente compartilhada por seus aliados – era a construção de um mosteiro feminino em Arles (VC. I.28, 35, 48; II.25, 47-8, 50; *ep.* 21), no qual se engajara pela primeira vez ainda durante a ocupação visigoda, mas que só pode ser concluída no reinado de Teodorico (ca. 512). O mosteiro esteve sob a liderança de sua família desde a sua fundação, governado primeiro por Cesário, a velha (VC. I. 35,39) e então por Cesária, a nova (VC. I. 59) De acordo com Klingshirn (2004: 250-5), ao fim de sua carreira o bispo buscava

garantir a existência do monastério após sua morte. A composição da VC *per si* pode ter ajudado em tal objetivo, como afirmado pelos próprios hagiógrafos (VC. I. 1; II. 50).

A construção de um mosteiro *ad virgines* por Cesário remete diretamente ao que fora feito por Honorato – fundador de Lérins (VHo. 15,23-4) – e Hilário, que fundara mosteiro similar em Arles (VHi. 11). Se pode considerar que a construção de um mosteiro reforçaria seus poderes patronais, não apenas ao transformar o traçado da paisagem cívica mas, sobretudo, por provê-la com um centro de práticas ascéticas e espirituais – fortalecendo a capacidade de intervenção do *monge-bispo* em tentar impor algumas medidas disciplinares e ascéticas ao seu clero e, talvez, aos laicos. Além disto, vale destacar o fato de este mosteiro poder ter servido como local destinado às famílias aristocráticas da região e, por isso, ter contribuído ao reforço de seus vínculos políticos e eclesiásticos.²⁷

5. Conclusões

Em meio às sucessivas transformações políticas e culturais observadas no sudeste da Gália entre os séculos V e VI, o exame da carreira de Cesário a partir da VC nos permite considerar – com rara riqueza de detalhes – as súbitas transformações pelas quais o episcopado estava sujeito.

Neste capítulo, examinamos as correlações entre Cesário e o ambiente eclesiástico no qual este se instruiu e, sobretudo, onde conduziu seu bispado, buscando interrelações entre sua trajetória institucional e a de bispos arlesianos precedentes, tais como Honorato e Hilário. Tal qual estes bispos, Cesário manteve vínculos facciosos com representantes da aristocracia regional e itálica, bem como o mosteiro de Lérins – o que repercutiria em sua intensa atividade predical.

Contudo, deve-se frisar a atuação dos monarcas germânicos na condução do projeto pastoral de Cesário – seja para restringi-la ou ampliá-la –, o que não ocorrera no século precedente. Outro diferencial concernente à atuação de Cesário remete às relações estabelecidas com Roma, invertendo as querelas eclesiásticas entre a referida sede e os bispos gálicos observadas em meados do século anterior.

²⁷ Sabe-se que a rainha franca Radegunda se hospedou no mosteiro em 570, de modo a angariar apoio para sua própria fundação monástica (KLINGSHIRN, 2004: 265).

Quando confrontado aos casos de Honorato e Hilário, tanto as cortes germânicas quanto o amparo da sede romana ampliaram o escopo de atuação e reivindicações do bispado de Cesário – ao mesmo tempo em que lhe impuseram maiores riscos.

Dentre outros propósitos, atentos à complexidade do cenário no qual Cesário conduziu seu governo bispal e ao capital simbólico por ele acumulado, os escritores da VC mencionavam figuras notáveis não apenas como testemunhas dos milagres e feitos de Cesário: tratava-se, sobretudo, de tê-los como evidência da poderosa – embora volátil – rede que o bispo de Arles confeccionou a seu favor, na qual a facção tomou parte, em concílios, embaixadas e trocas epistolares, e da qual esta esperava se beneficiar, tal como no caso do mosteiro feminino.

Documentos medievais impressos

HILÁRIO DE ARLES. **Sermo de Vita Honorati. Vida de Santo Honorato (Sermão de Santo Hilário e Vida dos Padres do Jura)**. Coimbra: Cimbra, 1987. p. 5-47.

HONORATO DE MARSELHA. **Vita Hilarii. Vie d'Hilaire d'Arles, Vie de Césaire d'Arles**. Ed. Claire Lavant and Jean-Clair Giraud. Paris: Brepols, Diffusion, 1997. p. 29-69.

CAESARIUS. **Letters. The Life, Testament and Letters of Caesarius of Arles: translated texts for historians**. Ed. William Klingshirn. Liverpool: Liverpool University, 1994. p. 77-139.

CIPRIANO DE TOULON et al. **Vita Cesarii. The Life, Testament and Letters of Caesarius of Arles: translated texts for historians**. Ed. William Klingshirn. Liverpool: Liverpool University, 1994. p. 9-65.

_____. **Vita Cesarii. Vie d'Hilaire d'Arles, Vie de Césaire d'Arles**. Ed. Claire Lavant and Jean-Clair Giraud. Paris: Brepols, Diffusion, 1997. p. 73-155.

Referências Gerais

BAILEY, Lisa. Monks and lay communities in late antique Gaul: the evidence of the Eusebius Gallicanus sermons. **Journal of Medieval History**, Amsterdã, v. 32, n. 04, p. 315-22, 2006.

____. **Christianity's Quiet Success: The Eusebius Gallicanus Sermon Collection and the Power of the Church in Late Antique Gaul.** Notre Dame: University of Notre Dame, 2010.

BARDY, Gustave. L'attitude politique de saint Césaire d'Arles. **Revue d'histoire de l'Église de France**, Louvain, v. 33, n. 123, p. 241-56, 1947.

BOESCH GAJANO, Sophia (org.). **Agiografia altomedievale.** Bolonha: Il Mulino, 1976.

____. **La Santità.** Roma, Bari: Laterza & Figli, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Berthand, 2005.

BROWN, Peter. The Rise and Function of the Holy Man in Late Antiquity. **Journal of Roman Studies**, Londres, v. 61, p. 80-101, 1971.

____. **The Cult of the Saints: Its Rise and Function in Latin Christianity.** Chicago: University of Chicago, 1981.

____. **Society & the Holy in Late Antiquity.** Berkeley: University of California, 1982.

____. Enjoying the saints in Late Antiquity. **Early Medieval Europe**, Manchester, v. 9, n. 1, p. 1-24, 2000.

DELAGE, Marie-Jose. Un évêque au temps des invasions. *In*: BERTRAND, Dominique, DELAGE, Marie-Jose, FÉVRIER, Paul-Albert, GUYON, Jean, DE VOGUÉ, Adalbert (org.). **Césaire d'Arles et la Christianisation de la Provence: actes des journées « Césaire » (Aix-en-Provence – Arles – Lérins, 3-5 novembre 1988, 22 avril 1989).** Paris : Du Cerf, 1994. p. 21-43.

FÉVRIER, Paul-Albert. Césaire et la Gaule Méridionale au VI^e siècle. *In*: BERTRAND, Dominique, DELAGE, Marie-Jose, FÉVRIER, Paul-Albert, GUYON, Jean, DE VOGUÉ, Adalbert (org.). **Césaire d'Arles et la Christianisation de la Provence: actes des journées « Césaire » (Aix-en-Provence – Arles – Lérins, 3-5 novembre 1988, 22 avril 1989).** Paris : Du Cerf, 1994. p. 45-73.

GIRAUD, Jean-Clair. Introduction. **Vie d'Hilaire d'Arles, Vie de Césaire d'Arles.** Ed. Clair Lavant and Jean-Clair Giraud. Paris: Brepols, Diffusion, 1997. p. 7-28.

GUYON, Jean. D'Honorat à Césaire: L'Évangélisation de la Provence. *In*: BERTRAND, Dominique, DELAGE, Marie-Jose, FÉVRIER, Paul-Albert, GUYON, Jean, DE VOGUÉ, Adalbert (org.). **Césaire d'Arles et la Christianisation de la**

Provence: actes des journées « Césaire » (Aix-en-Provence – Arles – Lérins, 3-5 novembre 1988, 22 avril 1989). Paris: Du Cerf, 1994. p. 75-108.

HEINZELMANN, Martin. The 'affair' of Hilary of Arles (445) and Gallo-Roman identity in the fifth century. In: DRINKWATER, J., ELTON, H. (org.). **Fifth-century Gaul: a crisis of identity?** Cambridge, Nova York, Oakleigh: Cambridge University, 1992. p. 239-51.

KLINGSHIRN, William. The Life of Caesarius: Introduction. Ed. William Klingshirn. **The Life, Testament and Letters of Caesarius of Arles: translated texts for historians.** Liverpool: Liverpool University, 1994. p. 1-8.

_____. **Caesarius of Arles: the making of a Christian community in late antique Gaul.** Cambridge: Cambridge University, 2004 (original de 1994).

LEYSER, Conrad. 'This Sainted Island': Panegyric, Nostalgia and the Invention of Lerinian Monasticism. In: KLINGSHIRN, W., VESSEY, M. (ed.). **The Limits of Ancient Christianity: Essays on Late Antique Thought in Honor of R. A. Markus.** Ann Arbor: University of Michigan, 1999. p. 188-206.

MARCOS, Mar. Papal Authority, Local Autonomy and Imperial Control: Pope Zozimus and the Western Churches (c. 417-18). In: FEAR, Andrew, FERNÁNDEZ UBIÑA, José, MARCOS, Mar (ed.). **The role of the Bishop in Late Antiquity: Conflict and Compromise.** Londres, New Delhi, Nova York, Sidney: Bloomsbury, 2013. p. 145-66.

MARKUS, Robert. From Caesarius to Boniface: Christianity and Paganism in Gaul. In: FONTAINE, Jacques, HILLGARTH, Jocelyn (org.). **The seventh century change and continuity.** Londres: University of London, 1992. p. 154-172.

_____. **O fim do cristianismo antigo.** São Paulo: Paulus, 1997.

MATHISEN, Ralph. **Ecclesiastical factionalism and religious controversy in fifth-century Gaul.** Washington: Catholic University of America, 1989.

MITRE FERNÁNDEZ, Emilio. Historia Eclesiástica e Historia de la Iglesia. In: MARTÍNEZ SAN PEDRO, María D.; SEGURA DEL PINO, María D. (org.). **La Iglesia en el mundo medieval y moderno.** Almería: Instituto de Estudios Almerienses, 2004, p. 13-28.

NORTON, Peter. **Episcopal elections 250-600: Hierarchy and popular will in Late Antiquity.** Oxford, Nova York: Oxford University, 2007.

- PINHEIRO, Rossana A. B. Hierarquia eclesiástica e pregação na Provença no século V. **História Revista (Online)**, Goiânia, v. 19, p. 11-35, 2014.
- RAPP, Claudia. **Holy Bishops in Late Antiquity: The Nature of Christian Leadership in an age of transition**. Berkeley, Los Angeles, Cambridge: University of California, 2005.
- SAUER, Michelle. Hagiographical Texts. *In*: CLASSEN, Albrecht (ed.). **Handbook of Medieval Studies: Terms – Methods – Trends (3v.)**. Berlim: De Gruyter, 2010. p. 1798-1807.
- SILVA, Paulo D. 2009. **Ciclo pascal e normatização litúrgica no século VI: análise comparativa dos casos de Arles e Braga**. Dissertação de Mestrado, Federal University of Rio de Janeiro. 226p.
- VAN ENGEN, John. The Christian Middle Ages as an Historiographical Problem. **American Historical Review**, Blomington, v. 91, n. 3, p. 519-52, 1986.
- VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade da Idade Média Ocidental: Séculos VIII – XIII**. Lisboa: Estampa, 1995.
- _____. **La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge d'après les procès de canonisation et des documents hagiographiques**. Rome: École Française de Rome, 1981.